

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V — Número 1.590

Sabado, 2 de Fevereiro de 1924

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada de Coimbra, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

O Conselho Confederal resolveu que A BATALHA mantenha o seu preço actual — vinte centavos

COMPRESSÃO DE DESPESAS E AUMENTO DE RECEITAS

50.000 CONTOS! 50.000 CONTOS!

É' quanto a Moagem deve ao Estado do imposto sobre trigo importado!

Um governo que não tem força para obrigar, o potentado da Moagem que tudo sacrifica aos seus interesses ilícitos, a pagar os impostos que o Estado lhe impõe, também não possui autoridade, para, ia pretexto de compressão de despesas, suprimir escolas que devidamente remodeladas teis serviços poderiam prestar ao povo. O governo está atentando contra os direitos do povo, prostrando-se humilde perante os interesses da Moagem

Compressão de despesas e aumento de receitas! Que bela cantiga para nos iludir! Sim, compressão de despesas e aumento de receitas das grandes companhias, dos potentados capitalistas que nos roubam e nos envenenam!

50.000 CONTOS! "A Ressurreição" de Manuel Ribeiro

Uma obra de ataque á emancipação humana e de apologia á religião católica — A arte mutilada e sacrificada á Igreja — Uma obsessão prejudicial

talvez por se falar demasiado em compressão de despesas e aumento de receitas, em casa do trabalhador as despesas aumentem as receitas sejam cada vez mais insuficientes para atender às necessidades mais instantes.

Desde que o governo se entregou à árdua tarefa de reduzir as despesas, as receitas da classe capitalista aumentaram duma maneira espantosa. O custo da vida tem subido duma forma brutal, esmagadora, fulminante. E o Estado, falando constantemente de compressão de despesas — faz-nos sorrir. Perguntamos a nós próprios porque paradoxo, quanto mais as despesas se reduzem mais a vida se torna a vida do povo. Depois, se as medidas de economia tomadas pelo governo não nos viessem prejudicar... Mas, além de nos faltar o dinheiro para meter nas mãos da Moagem, para pagar as batatas e a renda da casa, faltam-nos também as escolas para os nossos filhos, mais ou menos envenenados, era fornecido o pão do espírito.

E cada vez são menores as possibilidades duma vida normal, porque é preciso fazer economias.

E' o povo quem afinal sofre tudo, paga tudo. Paga todos os aumentamentos do Estado e do capitalismo, sofre depois quando o Estado ao tomar juízo, quer tornar-se comedido nas despesas.

Mas as grandes companhias, os bancos especuladores, as classes parasitárias onde o Estado mais logicamente deveria ir buscar as suas receitas, prosperam tranquilamente. Ainda não nos constou que o governo tivesse ido buscar o dinheiro de que necessita às grandes fortunas particulares que escandalosamente se acumulam; os bancos, o Moagem, as grandes companhias devem quantias fabulosas ao Estado, que não pagam, porque no parlamento há sempre grande número de deputados eleitos pelo povo, que pedem clemência para essas entidades que estão à beira da miséria.

A Moagem deve nada menos de 50.000 contos do imposto sobre trigo importado, e ninguém lhe exige o pagamento dessa quantia enorme, o a própria comissão encarregada de a cobrar tem representação da Moagem devedora. Não seria natural que a política de economias do governo, em vez de começar por suprimir escolas, com a vaga promessa de remodelá-las, principiasse por ir à Moagem buscar os 50.000 contos que ela deve e talvez nunca chegue a pagar?

Quando se publicou «A Catedral» foi grande o escândalo. Era o início dos atuais três volumes a que Manuel Ribeiro no fim da sua «Ressurreição» se lembrou e pensou de chamar «Trilogia social». Para os católicos vulgares de Linneu, Manuel Ribeiro com a sua «Catedral» constituía no seu patológico gero, a revolução social tornada mística, folheando e amando a Bíblia... Os avançados menos capazes de subtilidades e mais firmes nas suas convicções estranharam, mas não precipitaram a sua atitude. Com alguma reserva, sensatamente prudente, ficaram à espera, muito atentos... Os mais subis admiraram, que no momento em que a terra estremecia sob uma bela e vingadora rajada de cólera, esquecesse a dor revoltada para ir encavar num livro de duzentas páginas, muito estudo, muita busca aturada na velha Sé de Lisboa a fazer pacientemente hinos às espiritualidades e às materialidades religiosas... Admiraram, uns, como os outros também ficaram atentos e esperando... E' que uma das figuras da «Catedral», o arquitecto Luciano, ao fechar do livro, saía da Sé bastante revoltado... Não era uma saída vulgar. A sua saída, por se feita num agitado estado de alma, na companhia dum operário sindicalista, era uma saída que não era a bastante intencional. E, como não era a bastante intencional, não se sabia se Luciano vinha para a guerra social ou se essa agitação e honesta intenção se não evolvia sob um bafo frio da temperatura. Uma exaltação às vezes vive tanto do clima... Por outro lado, aquele Luciano, que se tratava dos seus braços e a amorosa e ríscritica Maria Helena e a a deixara frouxo e frio, num momento de profunda e nobre exaltação dos seus sentidos, não parecia psicologicamente e fisiologicamente, normal. Fora enuco na hora suprema de ser homem. Talvez, ele fosse uma encarnação do bico da pena de Manuel Ribeiro e a ela ficasse escravo contra toda a verdade humana, para a realização dum alto e talvez simbólico plano do seu pai e autor.

Especulativa para os avançados, paixão vibrante para os católicos, a «Catedral» mereceu do escândalo, que não do seu mérito literário — o país ainda se obstina em não comprar um livro — vendeu-se, esgotou-se, rapidamente. Um compasso de espera e surge outra vez Manuel Ribeiro, outra vez Luciano. Era o «Deserto» e era cartuxa de Miraflores. Luciano, pouco humano na «Catedral» no «Deserto» era quase um tigre. Nem carne, nem osso, nem espírito. Destituído intelectualmente e moralmente quanto mais ele falava, mais nos convencendo que os bicos da pena de Manuel Ribeiro, estavam fazendo conversas — a sombra de Manuel Ribeiro. Ao fim do livro, Luciano sai da cartuxa — indeciso. O livro, afinal, parecia só num pormenor — receio muito o descontentamento dos descendentes do conselho de Acção — a ameaça em série de volumes dum «filme» literário com um Luciano posto a fazer gemer os prelos, sempre esquivo e indeciso, durante grande número de anos. Nessa ocasião pensei, inquieto que morreria antes do herói, se decidisse definitivamente contido para que diabo iria Manuel Ribeiro, perdão o Luciano, meter-se num convento, viver num convento, entre maníacos bem intencionados, esquecidos para o mundo, de desinteressados da vida, como dela estavam afastados numa abdicada que chego a considerar respeitável a estúpida, torva e preconceituosa idade média.

E nós, muito atentos à espera que levado pelos bicos da pena de Manuel Ribeiro, a sombra de Manuel Ribeiro, descesse à rua, e revelasse rodeado pela viva claridade da vida moderna, todas as angústias, todas as misérias, todas as revoltas da alma contemporânea...

A terceira decepção social de Manuel Ribeiro, intitulada a «Ressurreição», devia aparecer, catolicamente, pelas alturas cristãs e fraternais do Natal que passou. Surgiu, ao abrir do ano, com uma horrível e verde ilustração de Moais, nas vitrines das livrarias. Fomos alguns dias de ansiosa expectativa, ela estava nas nossas mãos com uma dedicatória extraordinariamente amável e esplendidamente generosa.
Lemos o primeiro capítulo. Lá estava o Luciano — mas estava numa igreja. E, como ele não tem realidade viva nem viva individualidade, evocamos o Manuel Ribeiro que atacara Epa de Queiroz com razões patrióticas e dissera na «Epoca» com razões católicas que o «Romão» de Zola era «dissolvente e falso». Foi nesse desconfortante e amargo pensamento que desfilaram as dalmáticas, pluviais, casulas, túnicas, serviços litúrgicos numa desolada e feia igreja da Mouraria. Na sacristia: um padre Ventura, que era um ataque à lei da Separação; um Olímpio Rebelo, mero pretexto para frases católicas e a condessa de S. Glão, Isabel de S. Glão é arrolada nesse capítulo como viúva de um inglês maníaco, vadio e oculista que lhe deixara uma fortuna e uma maldição à vida redigida com psicopática exasperação. A condessa — afirma-o o autor — ia a correr para os quarenta anos, a envelhecer, e a correr para Roma, a rejuvenescer numa inventada ressurreição da fé católica. A gente percebe logo que Manuel Ribeiro vai, ao segundo ou terceiro capítulo, pregar com o Luciano, com a condessa e com o livro para a Roma — não para a Roma moderna mas para a Roma-Vaticano, capital da Fé e do Papa.

O segundo capítulo não se passa em parte nenhuma. Podíamos dizer, mentirosamente, que se passava em Roma em Almada, num quarto humilde do Bairro Alto ou num palacete luxuoso das Avenidas Novas; no rápido do Pórtio no vapor do Barreiro; diríamos que se passava no «Maxim's» ou em casa do cardeal patriarca. Diríamos o que quizessemos, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa, toda em frases, no indicialismo e a fazer, uma apologia toda em frases, da fé católica.
Podia servir para Manuel Ribeiro de acto de contrição. Assim encarado não deixaria de ser lógico — mas lógico em irrito para a «Epoca» dando aos leitores daquele jornal a grata notícia para eles — de haver no exército da religião mais um soldado e entre os adversários da emancipação humana, mais um aliado fervoroso e culto. Mas, encarado como um trecho literário de novela, que falta, que deplorável falta e miséria de arte! Uma novela não é um jornal, nem um panfleto. E' triste, muito triste, sob o ponto de vista de arte, ver um artista mutilar-se, sacrificar-se no que nele existe de incontestável beleza, para se colocar, literariamente, mas com de-

esperante, e feia insistência ao lado da igreja. Neste capítulo nenhum crítico que seja honesto e sincero e inteligente, tem outra coisa a fazer senão achá-lo mau, descolorido e inútil.
E o Manuel Ribeiro que escreveu esse conto vermelho «Expição» era artista, tivera emoção, vida, verdade e beleza. Depois que infelicidade. Então a fé que produzia tantas obras de arte, mata a alma a alma ou simplesmente a pena, toda a arte dum artista? Este capítulo não tem desculpa por parte de Manuel Ribeiro, que possui uma cultura literária e artística. E' mau porque ele não quis que fosse bom.
O neo-católico e o neo-adversário da revolução social, deram-se fraternalmente as mãos. E dessa aliança fraternal, saiu um mau livro; saiu uma péssima defeza da igreja e um débil ataque ao anarquismo. Nem a igreja ganhou, nem o anarquismo perdeu. O livro, na ansia de ser corrosivo, tornou-se inofensivo. Monótono, igual, repisador, não inspira cóleras, não causa desdenho. Na sua triste inutilidade na sua monótona e descolorida inutilidade, essas 312 páginas proclamam com fatal eloquência a mais desagradável ideia literária que o pior inimigo do autor poderia fazer.
Manuel Ribeiro, calunioso-se literariamente! E, ao protestar contra essa calúnia, faço-o em nome da verdade e da beleza e da justiça com a certeza dolorosa e estoica que Manuel Ribeiro dirá que sou eu, que estou a caluniar-lo por sectarismo. Acrescentarei mesmo que se o livro defendesse o anarquismo, eu dar-lhe-ia um abraço fremeu no primeiro encontro, e um aplauso fremeu logo às primeiras linhas que escrevesse...
Cristiano LIMA

Penitenciária

A propósito duma entrevista publicada na *Batalha* na qual um ex-recluso da Penitenciária relatava que os presos eram sovoados bárbaramente e que a alimentação é péssima, recebemos do sr. João Baele, director daquelle estabelecimento penal, uma carta desmentindo categoricamente essas afirmações.

Transcrevemos da referida carta os períodos mais importantes.

«O ex-recluso em questão saiu desta cadeia com o feto regular por sua merecida vontade, visto possuir dois trajes civis e ter em depósito na Caixa Postal mil e oitocentos escudos.

Possui, portanto, os meios mais de que suficientes para sair da prisão em condições que não indignassem a opinião pública.

Quanto aos maus tratos infligidos aos reclusos, oponho-lhe o meu mais formal desmentido, esperando que v. ex.ª não mais publicará notícias destas sem previamente se informar da verdade.

E' curioso que uma das vítimas das agressões, que o director da Penitenciária diz não se terem verificado, não escreve do Limoeiro, onde presentemente se encontra, confirmando as palavras, do nosso entrevistado. Da sua carta vamos também transcrever os seguintes períodos que se referem ao assunto.

«Sou o 14, a que o meu camaradeiro de infamidade se referiu. O meu nome é António de Campos. Eis como o caso se passou: nos princípios do mês de Agosto de 1922 requeri um almoço visto não me ter sido ainda dado o leite que o médico me receitara. Almoço é o nome que se dá na Penitenciária a um copo de mau café. A resposta à minha reclamação tive-a nos insultos e espancamentos de que fui vítima, depois de ter saído da cela de habitação.

Esse espancamento teve lugar quando fui no «segredo», para onde fui levado pelas guardas Teixeira, mais conhecido pelo Kaiser, a quem chei de vez da autoridade imperial. Ferreira, (o Banana) e o Catarino, sendo este o que se evidenciou nesta proeza. Fiquei em tal estado, sr. redactor, que passados três dias fui transportado em braços por 4 camaradeiros para a enfermaria, a ordem do enfermeiro João de Deus, e onde estive em tratamento durante três dias. Para avaliar da selvageria desses guardas, basta esclarecer, que o enfermeiro ao ir visitar-me ao «segredo» se viu obrigado a exigir a minha imediata baixa à enfermaria com palavras em que alegava não se responsabilizar ali pela minha vida.

Não fazemos comentários. Que os leitores do confronto das suas cartas.

Notas e Comentários

Concorrência inesperada

Uma agência telegráfica, certamente ávida de sensação, informou que em torno do túmulo de Lénine se acumulam multidões de peregrinos, vindos de todos os pontos da Rússia e que se registam muitos milagres de curas de doenças nervosas. Essa informação, recebida por nós com um sorriso, deve causar certa indignação na redacção da *Epoca*, que verá em Lénine um concorrente perigoso aos alexires milagrosos de Nossa Senhora de Lourdes. Até depois de morto Lénine consegue aterrorizar os bons católicos e conservadores.

Intercâmbio

A ideia duma semana de arte espanhola em Lisboa e arte portuguesa em Madrid parece ter entusiasmado mais nossos hermanitos do que os portugueses. O jornalista Luiz Oteiza entrevistado ontem num jornal da noite pelo escritor Correia da Costa acha essa ideia viável e promete pôr ao serviço desse alvitre as columnas do jornal que dirige — *La Libertad*. Parece-nos que alguns jornais portugueses que tanto tem escrito sobre intercâmbio intelectual — para eles se resume em bons banquetes — deveria prestar um pouco de atenção a este assunto.

Teorias de arte

Do sr. Guilherme Filipe, pintor modernista que expõe actualmente no teatro de São João, do Pórtio, os seus quadros aos quais o crítico de *A Batalha* fez já a devida referência, recebemos um manifesto no qual condena os processos antigos de fazer arte e defende a teoria de que a pintura deve ser sincera, livre de escolas e de receitas antigas.

O da imprensa latina

O *Diário de Notícias* de anteontem publica um agradecimento da comissão organizadora do Congresso da Imprensa Latina às entidades que tem contribuído moral e materialmente para a sua realização. Pela lista dessas entidades que a seguir reproduzimos se vê que isso de Imprensa Latina interessa apenas aos grandes potentados e que o povo está fora da latitudinalidade de falta absoluta de recursos...

Eis a eloquente lista:
«Banco de Portugal, Banco Nacional Ultramarino, Banco Português e Brasileiro, Banco de Crédito Nacional, Banco da Beira, Banco Economia Portuguesa, Banco Espírito Santo, Pinto & Sôto Maior, Borges & Irmão, Fonseca,

Santos & Viana, Dias, Costa & Costa

Companhia de Mocambique, Companhia da Rocha Boa Entrada, L.T.A., Companhia dos Diamantes de Angola, Companhia Nacional de Navegação, Companhia dos Tabacos de Portugal, Companhia da Fábrica de Cerveja Jansen, Companhia da Fábrica de Tomar, Companhia Portuguesa de Fósforos, Companhia do Alentejo, Companhia Geral do Crédito Predial Português, Companhia do Quanza Sul, Companhia Colonial Portuguesa, Companhia da Rocha Saúde, Companhia da Rocha Angra Toldo.

Companhia Colonial de Fósforos, L.T.A., Sociedade de Vinhos Vassconcelos, Sociedade Comercial Portuguesa de Publicações, L.T.A., Sociedade Agrícola da Gaia.

Empresa Cerâmica de Lisboa, Internacional, L.T.A., Empresa do Anuário Comercial, Agência Geral de Angola, Fábrica Vulcano e Colares, Associação Industrial Portuguesa, Ateneu Comercial de Lisboa, Ginásio Clube Português, Monumental Clube, Grandes Armazens do Chiado, Grandela & C., Eduardo Martins & C., L.T.A., Sousa & Mota, L.T.A., Mantinha, L.T.A.

Está em boas mãos, a imprensa latina...

Francisco de Lacerda

Veu ontem à nossa redacção apresentar-nos as suas despedidas o maestro sr. Francisco de Lacerda. Deixa hoje Portugal, partindo no «suad-express» para França e Suíça, onde dirigirá uma série de concertos sinfónicos. *A Batalha* deseja-lhe feliz viagem e um completo êxito artístico.

No Barreiro

Um comício contra a carestia da vida

Promovido pela organização operária local, realiza-se amanhã, à pelas 11 horas, na vila do Barreiro, a praça da República, um comício público em que será apreciado o problema da carestia da vida e a acção a dispendir pelos consumidores para obter ao seu agravaamento, que está tomando proporções assustadoras.

Organização Social SiSindicalista — Preço 3\$600

Tudo ao mesmo...

Em consequência do artigo de todo o ponto verdadeiro que publiquei anteontem neste jornal acerca dum tróico de cédulas velhas que pretendi fazer na Casa da Moeda e no dia anterior, fui procurado pelo camarada Cardoso, das oficinas do referido estabelecimento do Estado, que veio dizer-me que o senhor tesoureiro do mesmo estabelecimento, mal impressionado e muito desgostoso com o facto ali ocorrido e por mim Jescrito no sobredito artigo, desejava não só falar-me para me dar explicações como também para me restituir do seu bolso os tais dezenvote tostões e meio; desejo que não me foi possível satisfazer, por diversos motivos.

Pelo já citado camarada que muito considero fui informado de que o senhor tesoureiro da Casa da Moeda é um homem de bem e um funcionário muito probo, incapaz dum acto menos correcto, o que sobremaneira me agrada registar.

Iso, porém, não destrói o facto que originou o meu reparo e a critica não destituída de generosidade a que as circunstâncias me obrigaram, em relação ao mesmo facto.

Segundo também me referiu o camarada Cardoso os desenhos tostões e meio figuram na nota das sobras do dia, pertencendo, por conseguinte, à Casa da Moeda, duma vez por todas e para todos os efeitos, desde que o tal empregado dos trocos não quiz acclá-los, é provável que por desconfinça da fartura.

Como quer que seja o que eu dou ou lanço à rua, deixa de me pertencer, de facto e de direito.

E eu sei se os desenhos tostões e meio me fizeram falta, ou não.

Fazer desaj é que a Ex.ª Direcção da Casa da Moeda tome providências, no sentido de não se darem mais enganões nos trocos.

E' o que se pretende e o que deve ser, nem foi para outra coisa que me dei ao trabalho de escrever o artigo em referência.

Certo é também que, em geral, quando se vê um sujeito sem gravata e pobremente vestido, como eu ando e por não poder apresentar-se doutra maneira, além de não se ligar importância, logo se supõe estar à vista dum brutamonte ou duma criatura passiva, incapaz de protestar e apta, portanto, ao disposto a sofrer em silêncio as portadas que lhe fazem.

Pel' exposto fica demonstrado que nem sempre é assim.

Que a lição aproveite a bem de todos é o meu desejo.

JOSE BENEDY

Teófilo Braga

Realizaram-se anteontem os seus funerais

A comédia oficial de sempre. — Uma atitude curiosa de estudantes
A coerência do sábio perante as honrarias

Realizou-se anteontem o funeral do grande sábio Teófilo Braga. O cortejo começou a organizar-se às 12 horas, ao longo da avenida Wilson. As colectividades que o compunham alinharam-se por ordem até à rua 24 de Julho. No átrio do parlamento encontravam-se o corpo diplomático, professores, parlamentares, estudantes, homens de letras e oficiais do exército. Também compareceu o chefe do Estado.

Pouco depois das 13 horas foram retiradas da eça as coroas e os ramos de flores e conduzidas para um carro puxado por três parelhas que as transportou até ao mosteiro dos Jerónimos.

A seguir, saiu a rua aos honrados dos estudantes formando alas os empregados do Congresso, até ao portão do parlamento.

As bandas de música locaram a marcha fúnebre de Chopin. As ruas e as janelas por onde passava o cortejo encheam-se de gente.

Atrás do armão seguem os professores da Faculdade de Letras levando o dr. sr. Queiroz Veloso o capelo de Teófilo Braga.

As 15.30 horas chegou o cortejo aos Jerónimos, começando o desfilag 16.20 horas chegou o armão sendo a urna retirada pelos estudantes que a conduziram aos ombros até à sala onde ficou depositada.

Fôram em grande número as cartas e telegramas recebidas de vários pontos do país e do estrangeiro, de agremiações literárias, científicas e políticas.

Do Pórtio e de Coimbra vieram assistir ao funeral do autor da «História da Literatura» algumas centenas de estudantes, que tomaram os combóios de assalto e sem bilhetes.

A' chegada, na «eça» do Rossio, os porteiros pretenderam impedir-lhes a saída, o que provocou protestos ruidosos da parte dos estudantes.

Os empregados superiores da estação viram-se obrigados, por fim, a deixá-los sair, no meio de grande alarido.

Ontem quando os académicos pretendiam embarcar novamente sem bilhete, no combolo que parte de Lisboa às 9 e 40, não lhes foi permitido viajar de graça, tendo-se prevenido as bilhetes para não venderem bilhetes a estudantes senão para o Pórtio ou Coimbra.

A estação do Rossio esteve em estado

de sítio durante algum tempo, escastrando-se de tarde fortemente policiada por praças da guarda republicana.

Os estudantes fizeram quartel geral nos cafés do Rossio, discutindo vivamente o acontecimento e mostrando-se decididos a pedir ao governo que lhes faculte passagens de graça.

Como se sabe, já tinham feito idêntico pedido para virem a Lisboa assistir aos funerais de Teófilo Braga, não tendo sido atendidos pelo ministro do Comércio.

Os estudantes não tem recursos para se manter em Lisboa, tornando-se difícil a sua situação. Reclamam e com razão, que o governo interceda junto da C. P. para que lhes seja permitido viajar de graça, visto que vieram a Lisboa guiados pelo desejo de prestar uma derradeira homenagem a Teófilo Braga.

Os funerais nacionais são, sem dúvida alguma, espectaculosos. Contudo nunca terão o brilho, a beleza, e emotiva sinceridade das manifestações populares. As entidades oficiais foram por dever de ofício e não em obediência aos ditames da consciência e do sentimento.

O funeral de Teófilo Braga, foi também uma comédia — a comédia de sempre. Nesse funeral foram políticos — os políticos que Teófilo Braga nunca pôe suportar; os políticos que ele fustigou asperamente por terem traído os ideais preconizados aos quatro ventos no tempo da propaganda. Foi também o corpo diplomático — e Teófilo Braga desdourou da representação diplomática.

A propósito do espanto com que foi a entrar uma alma tão inimiga das demonstrações espectaculosas merecesse recordar-se uma das suas nobres atitudes:

Uma vez, certo ministro da instrução que o admirava, procurou-o para o convidar a aceitar o hábito de São Tiago. Sem se deixar deslumbrar pelo brilho postico da condecoração, Teófilo Braga respondeu:

«O hábito de São Tiago cheira-me a uma espécie de opa... Ora diga-me, você acha-me capaz de vestir opa...»

E não era. Nem espiritualmente vestiu opa. Morreu, aos 81 anos de idade, firme nas suas convicções anti-religiosas, Belo e grande exemplo de firmeza e de coerência. Oxalá que assim fossem os seus detractores...

Correios e Telégrafos

Constou que o seu pessoal se declarara em greve

Correu ontem o boato de que o pessoal dos Correios e Telégrafos declarara a greve de braços caídos. Procuramos informar-nos do caso, não nos tendo sido possível obter a confirmação desse boato que nos parece destituído de verdade.

A Direcção da Associação do Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos declarou a greve de braços caídos. Procuramos informar-nos do caso, não nos tendo sido possível obter a confirmação desse boato que nos parece destituído de verdade.

«Tendo alguns jornais publicado afirmações que não são a expressão rigorosa da verdade, no que respeita a relações entre o pessoal maior e menor, esta Direcção declara carecerem de fundamento tais notícias, porquanto as Direcções dos dois sindicatos estão absolutamente concordes nas suas reclamações apresentadas aos poderes constituidos, não existindo, por consequência, qualquer discordância.»

Centro e Biblioteca de Propaganda Social da Póvoa de Varzim

POVOA DE VARZIM, 29.-C.— Reuniu o Centro e Biblioteca de Propaganda Social desta vila, em assembleia geral, para apresentação de contas referentes ao ano findo e nomeação da comissão administrativa para 1924. A comissão Administrativa ficou composta por Antero Ferreira, Eduardo Correia, João G. Baptista, António Filipe de Castro e Avelino Marques Casaleiro.

Para a comissão de Propaganda e Educação foram indicados os sócios Manuel C. Machado, Manuel C. Reis e Raúl Ferreira. Sobre a prisão dos delegados portugueses que foram a Espanha, foi aprovado o seguinte protesto:

«O Centro e Biblioteca de Propaganda Social da Póvoa de Varzim, reunido em assembleia geral, protesta energicamente contra a prisão em Espanha dos militantes operários portugueses Silva Campos e Manuel J. de Sousa.»

Foi tomado conhecimento do indulto de Pedro Mateo e Luísa Nicolau, regressando-se a assembleia pela vitória alcançada pela organização operária e avançada, arrancando das garras da reacção espanhola aqueles dois militantes operários.

Grupo Dramático Solidário de Operários. — Reuniu ontem a direcção e resolveu realizar uma assembleia geral, no dia 8 do corrente para eleição de corpos gerentes.

UMA REUNIÃO PANDEGA

ZANGAM-SE AS COMADRES...

As forças vivas protestam contra o Banco Ultramarino, o Norton e o Estado incompetente — Pronunciadas influências de A BATALHA...

Um Calado que falou pelos cotovelos e insultou os negros

PORTO, 30. — As forças do olho vivo andam irrequietas. Protestam contra tudo e contra todos. Entrecalam-se numa evidência de luta de classes...

Ontem tocou a vez ao Banco Nacional Ultramarino ser rudemente atacado por muitos comerciantes e industriais exportadores. O governo, como em todas as últimas reuniões electuadas pelo comércio e indústria, não foi poupado. Apontaram-no até como um elemento de «desordem» e de «cumplicidade» em toda esta bambociação. Houve afirmações interessantíssimas...

«Os políticos são uns vendilhões». «A hora é de sacrifícios e de trabalho». Isto disse-o um político «socialista» que, tendo principiado a sua vida pela ratanância das associações de socorro mútuo, acolá para as bandas de Oliveira do Douro, hoje é um rico accionista da Empresa mineira de São Pedro da Cova, da Companhia Carris, sócio de diversos estabelecimentos fabris e comerciais, qualquer coisa na Santa Casa da Misericórdia, etc., etc. Não podendo explicar, por um modo cabal, insofismável, perentório, concreto, como conseguiu «licitamente» a sua enorme fortuna, entretem-se a ferir hidrófobamente no operariado, chamando-lhe muitos nomes feios e acusando-o de viver... «princípiosamente» medindo-o pela sua bitola de «novo rico» e de nefelibata «vadiagem» de poderoso industrial socialista...

Um outro brafustoso: «O plano de Benguela é uma maravilha de Deus». E bandendo contra a mão no peito, benzedo-se, fazendo inúmeras figas e deitando um pouco de salivar água benta para todos os lados da sala das sessões da Associação Comercial, aterro-

rizou os circunstantes com esta tirada: «Mas o diabo do Banco Ultramarino surgiu a esconraçar Deus dessa maravilha, que devia ser só para nós, e enriqueceu à custa do sacrifício dos que para lá foram. Nós, afirmo, o orador com plúrida energia, fornecemos-lhe os capitais com que ele move os seus negócios. O Ultramarino é o detentor e o tutor do nosso dinheiro».

Logo, os «ladroes» acusam-se... Um outro... Calado, não sabendo fazer discursos, assevera que, merecendo andamentos mentirosos, arrastam para a tração das febre palustres trabalhadores ignorantes e indefesos...

A multidão de categorizados comerciantes e industriais «emociona-se» até às lágrimas... de crocodilo. Mas... não deixou de reparar que aquilo era uma flagrante concordância com o que A Batalha tem escrito a tal respeito. Que diabo! Aplaudir-se, implicitamente, A Batalha...

O fluente... Calado, deu pela gafe e emendou, apressadamente, o seu anterior e avançado conceito, fazendo, em troca, um combate cerrado à liberdade dos negros. Os pretos, vivendo num estado primitivo, são incapazes de se dirigirem a si próprios. Não é escravagismo, mas quer a escravidão, porque, por enquanto, preto não se sente e carecer da muleta comercial e industrial para explorar e maltratar duramente. A liberdade total dos negros, acarretando a falta de braços, aniquilou as colónias...

Não nos disse, afinal, o que os pretos andam a fazer com a sua liberdade total de serem acossados pelos brancos, nem em que consiste a aniquilação. Deus-não a entender que os pretos andam todos figurões a passear, enquanto os «bran-

cos» comerciantes e industriais se amofinam num trabalho extenuantíssimo em os levar constantemente no «embrulho». De resto, se as colónias já não prestam, se são terra de pretos, que se retirem de lá os brancos e não tenham pena dos negros...

Mas depois, concordando que os pretos é que tem as costas largas, sempre lhes atenuou as culpas, dizendo que «o funcionalismo criado absorveu tudo, tendo de retirar, afinal, por incompetente». Alguns, jura-o, que não tinham onde cair vivos, onde cair mortos todos teem — retiraram ricos...

Ora para que tal não se desse, o Calado que principiou por berrar contra o alto comissário, provou que este cometeu uma grande brutalidade em proibir a entrada do «cognac» em Angola, no «tôlo» desejo de contribuir para o progresso moral dos negros... Não devia ser assim. Havia de entrar aí muito mais «cognac» para a província, por estas «patrióticas» razões: 1.º para, em lugar dos 3 mil contos que rendia para Angola a invasão daquela bebida, o governo usufruir ainda muito mais receita tributária; 2.º para emboracchar totalmente a pretalhada, porque da «borracheira» dos povos, negros ou brancos, é que depende a felicidade privilegiada de todos quantos exploram a humanidade; 3.º porque, portanto, isso seria dum altíssima vantagem para todos os «aguardentosos» que exportam falsificações para o grande mercado africano...

E' depois de garantir que o «Banco Ultramarino, combinado com as poderosas companhias, prepara o monopólio comercial da colónia, resuscitando para Angola o que a Companhia do Niassa faz em Moçambique, que Ca-

lado emudece, por momentos, para depois dizer feio e forte: «Como militar, como general, curvo-me reverente ante o «patriótico» esforço que fez para reorganizar o exército».

Mas como administrador... Tarrenego, cruces, figas... Deus nos livre, Deus nos acuda, Deus nos defenda... Não pôde calar-se sem deixar de demonstrar que tem fortes influências da leitura de A Batalha, a qual já disse aquilo muitas vezes...

Ah! Mas uma enorme Pestana manuelista, batendo freneticamente na chuchadeira da multiplicidade de moedas — uma para Angola, outra para os Açores, outra para a Costa Ocidental, outra para a Oriental — desfecha à queima roupa: Esta parece ser a característica de um Estado imbecilizado...

E logo a multidão dos do olho vivo, ampliativamente retifica: Não parece, não... «Catapultar Anarquistas, conquanto também paradoxalmente, atiram-se a demolir o Estado, que nos últimos tempos tem andado feliz».

E, para reforço da iconoclastia acção directa dos revolucionários, a enorme Pestana, conclui o programa tático a seguir: A consciência colectiva, adormecida, precisa destes abalos violentos... para se revoltar... não só contra o Banco Ultramarino, o Norton e os Metos, o governo, o Estado incompetente, a multiplicidade das moedas, a fim de ficar só uma, contra o monopólio dum banco apenas, mas contra também os ricos negociantes e industriais que ontem se reuniram — contra tudo, enfim, que represente a exploração do homem pelo homem, contra toda a ficção de agente de troca moderadora, contra toda a tirania das cartas parasitárias e privilegiadas...

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Inscritos Marítimos. — Pessoal de Cámaras. — Com regular concorrência, reuniu na passada segunda-feira, a assembleia para apreciar o pedido de demissão do delegado de classe, e nomeação dos corpos gerentes para o ano 1924-25.

Antes da ordem dos trabalhos o delegado da classe demonstra a necessidade de ser substituído. Em seguida o secretário geral do sindicato expõe claramente quais os motivos que levaram o delegado a pedir demissão. Depois de ouvidos mais oradores, é resolvido aceitar o pedido de demissão do delegado.

Na ordem dos trabalhos procedeu-se à eleição dos corpos gerentes que ficaram assim constituídos:

Comissão administrativa. — Secretário geral, Alvaro da Costa Ramos; secretário adjunto, António Pais do Amaral; secretário administrativo, José Crispiniano Rodrigues; Tesoureiro, Carlos César da Silva; Vogais, Luís Sereno de Oliveira, João Venâncio da Silva Ferreira e António Ferreira Melo.

Conselho Fiscal. — Presidente, Manuel Cardoso; Secretário, António Vítor de Almeida; Vogal, José da Silva Ferreira.

Assembleia Geral. — Presidente, Carlos Soares; 1.º Secretário, Leopoldo Passos Sobral; 2.º Secretário, Avelino de Oliveira.

Delegado de classe — José Ventura Rodrigues.

Foi aprovado um voto de sentimento pelo desaparecimento do camarada sindicalista Luís Monteiro, tripulante do «Pedro Gomes».

A comissão administrativa não pôde, por falta de tempo, apresentar o relatório de contas da sua gerência, o que espera fazer no mais curto prazo de tempo sendo para isso todos os membros convidados para assistir a uma reunião.

Os corpos gerentes eleitos nesta assembleia tomarão no próximo mês conta dos seus cargos.

Federação dos Trabalhadores Rurais. — Comissão administrativa. — Reuniu em 29 do pretérito mês para tratar de assuntos de interesse sindical. Apreciou vários expedientes, que constava de ofícios dos sindicatos de Mexilhoeira Grande, Saborro, Cano e Castelo de Vide, sendo resolvido dar-lhe o necessário despacho. Foi apreciado também o relatório do delegado que foi a Cabeção e Pavia em missão de propaganda sindical, sendo tomado em consideração.

Corticeiros de Belém. — Apreciaram um ofício da Federação Corticeira sobre aumento de salário, sendo aprovada a acção desenvolvida por este organismo, com o qual foi resolvido insistir para que faça vingar o resto da reclamação.

Sobre as más condições de trabalho dos quadros do rei resolvido convocar-se uma nova reunião para se tratar mais detidamente deste importante assunto.

Apreciou-se também a situação angustiosa em que se encontra o povo alemão, resolvendo-se que nas diferentes fábricas sejam hoje feitas quetes em seu auxílio.

Compositores Tipográficos. — Reuniu na passada quarta-feira a direcção deste sindicato, tendo aprovado novos estatutos e tratado de vários assuntos. Resoluiu fazer sair mensalmente um boletim, que será distribuído grátis aos sócios.

Lançou na acta um voto de pesar pela morte do historiador e polígrafo, dr. sr. Teófilo Braga.

CONVOCAÇÕES

S. U. C. C. — Seção profissional de estudantes. — Reúne no próximo dia 5 a assembleia geral para preenchimento de cargos vagos, devendo também comparecer todos os membros da comissão revisora de contas.

A direcção previne os sócios de que

não devem pagar os bonus que não tenham a sobrecarga de 60 centavos.

Comitê da sede. — Reuniu amanhã, às 15 horas, para tratar de assuntos de grande importância.

Condutores de Carroças. — Reuniu ontem a comissão administrativa que se ocupou de vários expedientes, bem como aprovou novos sócios.

Resoluiu-se que a classe reúna amanhã a fazer com a sua liberdade total de serem acossados pelos brancos, nem em que consiste a aniquilação. Deus-não a entender que os pretos andam todos figurões a passear, enquanto os «bran-

Carpinteiros Navais e Calafates. — Reúnem amanhã, às 13 horas, para tratar de aumento de salário.

Manufactureiros de Calçado. — Reuniu hoje a assembleia geral às 21 horas, para continuação dos trabalhos pendentes sobre discussão dos princípios sindicais.

S. U. dos Fogueiros de Mar e Terra. — Para se ocupar de assuntos de muito interesse para a classe é convocada a reunir hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral.

«Chauffeurs» em Portugal. — Convoca-se a reunir hoje, pelas 21 horas, a Comissão de Defesa e Melhoramentos com a comparação dos delegados de «chauffeurs» das motocicletas com side-car, para apreciar-se um ofício recebido do governo civil e que se prende com o novo regulamento de trânsito de veículos. Sendo o assunto de urgente resolução, nenhum camarada deverá faltar.

SECÇÃO TELEGRAFICA

C. G. T.

Cooperativa dos Trabalhadores Rurais de Montemor-o-Novo. — Não venha delegado; Estatutos vão segunda-feira.

Mineiros de Aljustrel. — Vosso ofício foi entregue ao conselho jurídico que vos vai officiar nesse sentido.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA E SOLIDARIEDADE

Porto — Amândio Pinto. — A quete (70500) do grupo Isolados foi entregue a comissão pró-presos.

Federações CONSTRUÇÃO CIVIL

Sindicato de Tomar. — Necessitam, para os estatutos, da assinatura de 21 sócios fundadores.

Sindicato de Espinho. — A propósito do assunto em que é feita referência aos estatutos, enviem resposta ao ofício que lhes enviamos.

Associação de Cascais. — O recibo referente à requisição n.º 27 foi ontem enviado.

RURAL

Sindicato de Mexilhoeira Grande. — Recebemos 52530, referentes ao vosso débito.

Sindicato de Alvalade. — Recebemos 42530, idem.

Sindicato de Cabeção. — Foi-nos entregue pelo delegado 149520, idem. Devisar enviar para Pavia os 25 folhetos da conferência de Gonçalves Correia ali deixados pelo delegado.

METALÚRGICA

Sindicato de Évora. — Preparem sessão para dia 3.

Beja e Aljustrel. — Preparem sessão para dia 4 e 5, respectivamente.

Olhão. — Contem com delegação a sessão de segunda-feira, 4.

Faro. — Preparem sessão, para o dia 6, quarta-feira.

V. R. St. António. — Contem com delegados no dia 5.

Torres Novas. — Sepides. — Espere Metalúrgicos no dia 3.

Rossio de Abrantes. — Cosme Régio. — Preparem Metalúrgicos para sessão no dia 4.

Portalegre. — Preparem sessão para o dia 6.

Caminhos de Ferro do Estado

A questão dos afastados

Como há dias dissemos, deve ficar hoje definitivamente tratada a situação dos 37 ferroviários afastados do serviço há tempo, em consequência do movimento de protesto que os ferroviários do Sul e Sueste efectuaram em Outubro passado.

Como foi dito pelo sr. Avelar Ruas, à comissão que do caso tratava, depois de apreciados os respectivos inquéritos seriam remetidos ao serviço aqueles que o deveriam ser.

Nestas condições a comissão deve ir hoje aos vários serviços saber o resultado do apuramento dos inquéritos e não os ferroviários afastados, como por lapso se disse há dias.

Oxalá não tenhamos de voltar a falar em semelhante assunto, pois já há muito tempo devia estar arrumado.

Agressão a tiro

Ontem à tarde, na Praça do Comércio, o jornalista Eduardo de Sousa, redactor de A Pátria, alvejou com dois tiros o sr. Gabriel Gonçalves, atingindo-o numa coxa e num braço.

O ferido recolheu ao posto da Cruz Vermelha não sendo os ferimentos de gravidade. Eduardo de Sousa foi conduzido para a esquadra da rua dos Capelães.

Segundo nos informam, o crime foi motivado por questões íntimas.

Fatos. Sobretudo e Gabardines

a prestações com fiador estabelecido Fazem-se na Alfaiataria Almeida, Travessa de São Domingos, 24, 1.º

O "Sierra Córdoba"

Na sua primeira viagem para os portos da América do Sul, fez escala por Lisboa o paquete de luxo Sierra Córdoba, da Norddeutscher Lloyd Bremen (Lloyd Norte Alemão).

A convite dos seus agentes nesta praça, Lane & C.º Ltd., fomos visitar esse admirável barco, que é um dos melhores para serviço de passageiros.

Todas as dependências de 1.ª classe são dum luxo requintado, nada faltando a quem possua o suficiente para poder fazer uma viagem admirável.

As instalações de 3.ª classe também oferecem relativas comodidades, sendo bastante confortáveis.

A imprensa e convidados foi oferecido um chá, que decorreu muito animado, executando o quinteto de bordo um programa escolhido.

Talvez por engano, e na ocasião em que o ministro do interior se encontrava saboreando o perfume líquido, o quinteto executou o hino da carta...

Escusado será dizer que os amigos de antigo regime que ali se encontravam rejubilaram de satisfação, e o sr. St. Cardoso não devia ficar muito satisfeito.

Porém essa nêvem, de cores variadas para as partes antigas que assistiam, desfez-se em virtude de se ter executado desloca para Portuguesa, que ali já se tinha ouvido pela charranga de bordo quando ali atracaramos e ainda quando regressamos.

Afinal o caso não teve importância, e todos os convidados, numa bela comunação de ideias, viram deliciar-se para o salão de baile onde se dançou animadamente, sendo também distribuídos sorvetes — que serviram para acalmar os nervos daqueles que apanharam o calor... da música.

Já noite, recolhemos a terra, não sem que não trouxéssemos o desejo de que todos aqueles confortos que verificamos na 1.ª classe fossem também para outros, para os seus cira nem beira, que, numa doce ilusão, vão por aí fora a cata dum fortuna que nunca mais os alcançará...

APOLO

Telefone N.º 4129

TODAS AS NOITES, às 9,30

A única revista-fantasia, na actualidade — O maior de todos os êxitos

FRUTO PROIBIDO

«A semente política», por Elisa Santos — «O desarmamento», por Lima Demol — «A Senhora da Alameda», por Júlia da Assunção e o «Comper» por Joaquim Prata

As mais deslumbrantes apostes 12 Quadros maravilhosos Luxuosíssima guarda roupa Crítica política de oportunidade

Os que morrem

José Coelho Tavares

Faleceu em sua casa, na rua Marechal Saldanha, 17, 4.º, às 5 horas da manhã, o sr. José Coelho Tavares, conhecido cobrador do Ginásio Club Português, Sport

Lisboa e Benfica, Sporting Club de Portugal, Club Naval e outras colectividades congêneres.

O finado, pai do militante dos Empregados no Comércio — Edmundo Tavares, era uma excelente criatura e muito popular no meio desportivo onde deixava centenas de amigos e admiradores.

O préstito saiu da morada acima indicada, às 15 horas de ontem, para o Alto de São João com grande acompanhamento.

No cemitério organizaram-se os seguintes turnos:

1.º. Uma comissão de senhoras; 2.º. Direcção do Club Naval; 3.º. Representantes de diversas colectividades; 4.º. Representantes de vários jornais e da Sociedade Timbre Seixalense; 5.º. Pessoal da Companhia das Águas; 6.º. 7.º. 8.º e 9.º. Por amigos pessoais, íntimos e pessoas de família do finado.

FUNERAIS

Realiza-se hoje, às 14 horas, o funeral do operário canter António Borges Ventura. O funeral sai do Alto dos Seis Molinos, Vila Serafim, porta 1.ª

A secção sindical dos canter e polidores de mármore, convida os seus filiados a incorporarem-se.

O falecido exerceu na organização diversos cargos, tendo sido um lutador pela causa da emancipação dos trabalhadores. A sua morte foi muito sentida.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Federação. — Seção de Propaganda do Norte. — Na sua última reunião foi apreciado o estado da organização juvenil no Norte, sendo resolvido que por este meio se insistisse com os Nacionais que ainda não responderam a circular n.º 3, desta Seção, a que o façam o mais brevemente possível.

Promovida por esta Seção, realizou-se no dia 30 do corrente, uma assembleia de todos os jovens sindicalistas que fazem parte das Seções profissionais para se assentar na melhor forma de desenvolver a organização juvenil no Norte, sendo aprovado um plano de propaganda e organização, pelo qual todos os jovens que forem à provincia em missão das respectivas Federações de indústria deverão organizar Núcleos de Juventude Sindicalista e vitalizar os já existentes.

Núcleo de Lisboa. — Para se resolver sobre um assunto de grande importância, reúne hoje, pelas 20 horas, a Comissão Executiva.

Seção mobilidade. — Reúne hoje, pelas 20,30 horas, a comissão executiva com a presença do 1.º secretário.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

TEM ALFAIATE

Rossio, 93, 2.º andar

Telefone 4670 N. (Ascensor).

FILIAL: Rua do Ouro, 206, 1.º andar, entrada Loja da América.

Classes que reclamam

Gráficos das casas de obras

A comissão pró aumento de salário que se encontra reunida todas as noites, das 20 às 22 horas, depois de vários assuntos que se prendem com a melhoria de situação, constatou diversas informações de delegados.

Comunica à classe, que as circulares se encontram em poder dos industriais. A comissão pró aumento de salário reúne hoje, pelas 19 horas, com a Direcção da Associação dos Compositores Tipográficos para um assunto importante.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

Eden HOJE Eden

às 21 horas

A colossal mágica de Eduardo Garrido

Pera de Safanaz

Teatro

Coliseu dos Recreios

HOJE — Às 21 horas (9 da noite)

Nova Companhia de Circo

6 lindos poneyes 6

apresentados, em liberdade, pela gentil écuzyre

Melle. Othilia Orlando

AMANHÃ — Deslumbrante matinee

BILHETES A VENDA

Os frutos da taberna

Um homem gravemente ferido à facada

No lugar do Estombar, concelho de Lagos, reside António Joaquim, de 53 anos, trabalhador, o qual no domingo último, tendo ido à Vila Nova de Portimão, no regresso ao passar no sítio denominado Aldeia dos Cucos, entre Mexilhoeira e Vila Nova de Portimão, entrou numa taberna para comprar uma caixa de fósforos.

Na referida locanda encontravam-se vários indivíduos alguns já um tanto embriagados, vendo-se o António em embarras para transpor os lumbrais da porta e que conseguiu passado algum tempo, não deixando porém na entrada de dar um encontrão a um dos ébrios, o que originou uma violenta discussão da qual resultou o António ser agredido com duas facadas, uma no rosto e outra no ventre, evadindo-se o agressor em seguida.

Acudiram várias pessoas que prestaram os primeiros socorros ao ferido sendo reclamada a presença de um médico, que aconselhou o transporte imediato para Lisboa.

Uma vez na capital, foi o ferido conduzido num automóvel da Cruz Vermelha ao hospital de São José, onde foi operado da laparotomia, tendo recolhido em estado grave à sala de observações.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

AS GREVES

Marítimos de Sines

SINES, 30. — Está carregando, devendo sair, «Violeta», o fantasma do conflito que aqui se vem arrastando há longo tempo. Estamos a ver o vigarístico papel de qualquer outro senhor Augusto Fernandes da Silva, capitão da marinha mercante com nome, prestando-se a passar por dono da carga para aliviar a firma Rosa & Esteves das pesadas responsabilidades que tem no presente conflito. Estes expedientes porcos, que põem claramente em cheque o critério de quem os pratica, longe de prejudicarem a causa dos marítimos, mais alento lhe dão pois que demonstram com a maior evidência que um lado, ao lado dos trabalhadores sindicais, estão a razão e a justiça.

E depois os operários é que são gente de baixo estof moral, menaurs, e tantas outras «gracças» inventadas pelos profissionais da pantomimista.

Aguardemos, a recepção desta vez...

QUEM QUER

vestir bem e barato confronta os preços do

Deposito da Covilhã

porque vende directamente das fábricas ao consumidor esplendidas fazendas de lá para fatos e vestidos.

Lás em fio para malhas.

Tem alfaiate

Rossio, 93, 2.º andar

Telefone 4670 N. (Ascensor).

FILIAL: Rua do Ouro, 206, 1.º andar, entrada Loja da América.

Classes que reclamam

Gráficos das casas de obras

A comissão pró aumento de salário que se encontra reunida todas as noites, das 20 às 22 horas, depois de vários assuntos que se prendem com a melhoria de situação, constatou diversas informações de delegados.

Comunica à classe, que as circulares se encontram em poder dos industriais. A comissão pró aumento de salário reúne hoje, pelas 19 horas, com a Direcção da Associação dos Compositores Tipográficos para um assunto importante.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

TEM ALFAIATE

Rossio, 93, 2.º andar

Telefone 4670 N. (Ascensor).

FILIAL: Rua do Ouro, 206, 1.º andar, entrada Loja da América.

Classes que reclamam

Gráficos das casas de obras

A comissão pró aumento de salário que se encontra reunida todas as noites, das 20 às 22 horas, depois de vários assuntos que se prendem com a melhoria de situação, constatou diversas informações de delegados.

REAPARECE HOJE

TEATRO NACIONAL

O PASTELÃO DE MARRICÃO

em que teem belos trabalhos os artistas

Estor Beço, Clemente Pinto, Rafael Marques, Joaquim Costa, Luís Ribeiro Lopes

Rutilantes scenarios

Rigorosa indumentaria

